

# Formar-se e ser formador: rotas formativas musicais de religiosos no contexto católico brasileiro

## Comunicação

*Michelle Arype Girardi Lorenzetti  
michelleglorenzetti@gmail.com*

**Resumo:** Esta comunicação apresenta a pesquisa de doutorado concluída (LORENZETTI, 2019) que teve como objetivo compreender as rotas formativas de quatro religiosos católicos, colaborando para o entendimento de processos de formação musical ocorridos, na Igreja Católica brasileira, após o Concílio Vaticano II (1962-1965). O foco da pesquisa dirigiu-se para o formar-se e o formar outros dos religiosos Padre José Henrique Weber, Irmã Míria Therezinha Kolling, Padre Ney Brasil Pereira e Irmã Custódia Maria Cardoso. Quanto aos objetivos específicos, o estudo descreveu o contexto no qual ocorre a música na Igreja Católica; apreendeu as formas que os conhecimentos litúrgico-musicais dos religiosos foram construídos durante suas rotas formativas; analisou o modo como o conhecimento dos religiosos é transmitido a outras pessoas; discutiu as concepções acerca da música neste contexto e suas implicações na formação musical. Para conduzir esta pesquisa, optou-se por uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso coletivo (STAKE, 1999), no qual, através de entrevistas, o caso instrumental (STAKE, 1999) em que cada religioso se configurou contribuiu para a compreensão da formação musical. A sociologia da vida cotidiana (PAIS, 1993; 2003) e a sociologia da educação musical (SOUZA, 1996; 2000; 2014) embasaram teoricamente a tese. As rotas formativas dos religiosos foram tecidas em meio às próprias atuações como formadores, manifestando-se o pensamento institucional religioso através de suas escolhas e falas. A formação musical, neste contexto religioso, é vista como algo que exige compromisso, ao mesmo tempo que proporciona o conhecimento, ocorrendo através da prática articulada à teoria.

**Palavras-chave:** formação musical, sociologia da educação musical, Igreja Católica.

## Introdução

### Contextualização da pesquisa

O Brasil possui grande diversidade de grupos religiosos. Os dados do censo demográfico 2010<sup>1</sup> revelam tanto essa diversidade<sup>2</sup> como, em comparação com pesquisas anteriores, a diminuição de pessoas que se declaram católicas. Apesar disso, 64,6% de pessoas ainda se disseram católicas ao responder o questionamento: “Qual a sua religião ou culto?” Segundo Teixeira (2005, p. 16), “o catolicismo no Brasil revela uma grande complexidade”. Coexistem diferentes visões teológicas, o que impacta o modo de viver a fé, a compreensão do papel da música neste contexto e as escolhas formativas: para quem ensinar, como e por que fazê-lo.

Referir-se à música na igreja, necessariamente implica considerar a variedade tanto de igrejas quanto musical. Não sendo possível contemplar todas as variáveis, faz-se necessário determinar um foco, sendo este um dos fatores que justificam a escolha, nesta pesquisa, de uma igreja - a Igreja Católica - e de um tipo de música - a música litúrgica.

Segundo Almeida (2014, p. 10), “o conceito de música litúrgica pertence ao contexto da reforma litúrgica desencadeada pelo Concílio Ecumênico Vaticano II (1962-1965) no âmbito do catolicismo”. Pode-se conceituar ‘música das liturgias cristãs’ ou ‘música ritual dos cristãos’ como “as práticas vocais e instrumentais integradas nas liturgias cristãs” (UNIVERSA LAUS, n. 1.3, p. 78).

O Concílio Vaticano II foi convocado pelo Papa João XXIII e é considerado um dos maiores acontecimentos da igreja no século XX. O rito da missa passou, a partir da década de 1960, por amplas modificações, como a celebração no vernáculo, no nosso caso, em português. Em consequência, a música precisou ser adaptada e repensada, gerando a necessidade de um intenso trabalho de formação musical

---

<sup>1</sup> Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE): <[www.ibge.gov.br](http://www.ibge.gov.br)>.

<sup>2</sup> Segundo Mafra (2013, p. 15), no Censo de 2000 foram coletados “mais de 15 mil nomes de religiões de pertencimento” que foram classificados em 144 categorias. No Censo de 2010 as religiões foram organizadas em 66 categorias. Fonte: MAFRA, Clara. Números e narrativas. *Debates do NER*, Porto Alegre, n. 24, p. 13-25, jul. / dez. 2013.

para que um novo repertório fosse constituído e houvesse pessoas capacitadas para exercer as funções musicais na liturgia.

Esta comunicação refere-se à pesquisa de doutorado concluída por Lorenzetti (2019). Os aportes teóricos da sociologia da educação musical e da sociologia da vida cotidiana embasaram o estudo dos processos de formação musical que ocorrem no contexto católico.

## Objetivos

A pesquisa visou compreender as rotas formativas de quatro religiosos católicos, colaborando para o entendimento de processos de formação musical que ocorreram na Igreja Católica no Brasil após o Concílio Vaticano II. O foco dirigiu-se para o formar-se e formar outros de: Padre José Henrique Weber, Irmã Míria Therezinha Kolling, Padre Ney Brasil Pereira e Irmã Custódia Maria Cardoso.

O conceito de “rotas formativas” foi adotado na pesquisa na perspectiva do cotidiano (PAIS, 2003) como os percursos de formação dos religiosos e seus caminhos na formação de outras pessoas. Os colaboradores da pesquisa foram escolhidos por terem um importante papel na formação musical na Igreja Católica brasileira. A escolha dos colaboradores foi feita a partir da leitura de livros sobre a música litúrgica brasileira (MOLINARI, 2009; FONSECA, WEBER, 2015), e do contato com estudiosos da área. Inicialmente foram listados mais nomes, porém, acabou-se adotando alguns critérios: os formadores ainda estarem atuando e terem suas formações voltadas para a prática litúrgico-musical.

A pesquisa teve como objetivos específicos: descrever o contexto no qual ocorre a música na Igreja Católica; apreender como os conhecimentos litúrgico-musicais dos religiosos foram sendo construídos durante suas rotas formativas; analisar as maneiras pelas quais o conhecimento dos religiosos é transmitido a outras pessoas; e discutir as concepções acerca da música neste contexto e suas implicações na formação musical.

## Revisão de literatura

Pela revisão de literatura realizada, observou-se que o interesse pelo tema emerge, muitas vezes, da própria experiência dos pesquisadores com a música na Igreja Católica, sendo a maioria dos trabalhos divulgados a partir de 2011 (LOURO

et al., 2011; LORENZETTI, 2012; NOGUEIRA, 2012; CATTELAN, 2012; LORENZETTI, 2015; DIAS, 2017; JEFREMOVAS, 2017).

## Construção do objeto de pesquisa

Aproximei-me mais do tema de pesquisa do doutorado a partir de minha participação no X Encontro de Compositores da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB), em 2015. Desde 2006 são promovidos encontros anuais para formação litúrgico-musical de compositores (FONSECA, 2009). Durante um jantar, escutei o seguinte comentário do Irmão Fernando Benedito Vieira<sup>3</sup>, um religioso jesuíta, atual responsável pela música na CNBB:

Serei eternamente grato às irmãs [religiosas] pela minha formação musical. Estudei com elas e depois pude fazer o Conservatório. Depois, fui para Viena estudar regência e de lá mandei uma mensagem agradecendo, pois, se eu estava na cidade da música, era porque tinha tido aquela formação com elas. (Ir Fernando. Registro no Diário de Pesquisa, 18/11/15) (LORENZETTI, 2019)

Permaneci refletindo sobre essas histórias formativas em música e seu vínculo com a igreja. Construir um tema de doutorado exige um grande esforço, porém, nas leituras sobre o cotidiano<sup>4</sup>, experimentei que o tema pode estar muito próximo, em algo do dia a dia, o que pode tornar o caminho investigativo prazeroso.

## Referencial Teórico-metodológico

A sociologia da vida cotidiana (PAIS, 1993; 2003) e a sociologia da educação musical (SOUZA, 1996; 2000; 2014) embasaram teoricamente a pesquisa. Segundo Souza (2000, p. 28), o cotidiano pode ser visto como:

um lugar social de processos, crenças, de achar sentido comunicativo e interativo, nos quais os participantes da sociedade constroem suas identidades sociais e em cujas molduras se estabelece um entendimento sobre as normas sociais, realizam-se interações sociais e se reconhecem processos intersubjetivos como sua parte essencial (SOUZA, 2000, p. 28)

<sup>3</sup> Fernando Benedito Vieira é religioso jesuíta, formado em piano pelo Conservatório Estadual de Música “Haidée França Americano” de Juiz de Fora (MG). Estudou regência coral em diversos locais, entre eles, na Alemanha e na Áustria. Em 2016, assumiu como assessor nacional da música litúrgica pela CNBB.

<sup>4</sup> MARTINS, 2014; PAIS, 1986; PAIS, 2003; SOUZA, 2000; entre outros.

Ainda segundo Souza (2000, p. 28), na construção de uma teoria da educação musical, apoiada nessa perspectiva, vários aspectos adquirem relevância. Um deles é o fato de essa perspectiva comprometer-se com “a análise individual histórica, com o sujeito imerso, envolvido num complexo de relações presentes, numa realidade histórica preñe de significações culturais” (SOUZA, 2000, p. 28). Assim mostra-se de interesse do investigador recuperar “a pluralidade de possíveis vivências e interpretações” (SOUZA, 2000, p. 28), o que relacionaria com a ideia de Pais (2003, p. 30) no qual a vida cotidiana é o “tecido de maneiras de ser e de estar” sendo importantes as “maneiras de fazer”.

## **Metodologia**

Para conduzir esta pesquisa, optei por uma abordagem qualitativa, utilizando o estudo de caso coletivo (STAKE, 1999), no qual, através de entrevistas, o caso instrumental (STAKE, 1999) em que cada religioso se configura contribuiu para a compreensão da formação musical.

Foram registrados, no diário de pesquisa, experiências acadêmicas e reflexões diversas, as quais colaboraram na escrita da tese. Assim como estes registros e as entrevistas, as imagens, em grande parte cedidas pelos próprios colaboradores para a pesquisa, levaram a novos questionamentos, possibilitando novas respostas.

## **Rotas formativas de quatro religiosos**

### **Sobre as formas que os conhecimentos litúrgico-musicais dos religiosos foram sendo construídos e transmitidos**

Na abordagem da formação musical dos quatro religiosos, foram ouvidas histórias envolvendo música, infância, escola, família, mídia, igreja, formação acadêmica, professores particulares, estudo no exterior. As histórias formativas foram tecidas em meio a suas atuações como formadores.

Lançar o olhar sobre a música na Igreja e ter acesso às lembranças dos religiosos permitiu distinguir alternativas da apropriação do conhecimento musical e das escolhas que os formaram. Na escuta das entrevistas, experimentei o interesse de conservar o que foi narrado, de valorizar a vida, a história e a memória de pessoas que querem trocar experiências. Ao focar a investigação nos

relatos de quatro religiosos, compreendi-os como sujeitos que vivem/viveram a música, porém sem perder o olhar sobre o modo como o pensamento institucional religioso manifesta-se em suas escolhas e falas.

Durante os procedimentos para compreender processos de formação musical por meio da educação musical, observei que eles não podem ser isolados das experiências religiosas vivenciadas pelos colaboradores. A religião não é uma simples parcela de suas vidas, mas um elemento que os configura, os move e molda seu jeito de ensinar música, como apresento a seguir.

## **Padre José Henrique Weber**

### *Formando-se religioso e músico*

Padre José Henrique Weber teve seus primeiros contatos com a música através de seu pai, Samuel, que cantava na igreja. Ele recorda: “E quando chegava em casa, durante a semana, à noite, ele ensinava toda a família os cantos lá da igreja. Cantava e a gente aprendia com ele” (LORENZETTI, 2019, p. 86).

Seu pai, que sonhara ser padre, o incentivou a ingressar no seminário. Padre Weber, ao entrar na Congregação Verbo Divino, continuou tendo experiência com música. Foi lá que teve suas primeiras aulas de harmônio, chegando, posteriormente, a ser, no Seminário Maior, o encarregado da banda. Lá também se envolveu com o coro.

De 1959 a 1967, Padre Weber esteve em Roma aprimorando seus estudos musicais. Residia no Colégio do Verbo Divino durante a realização do Concílio Vaticano II. Ali ele acompanhou o que acontecia pelos jornais e pelos bispos de sua congregação que moravam no mesmo local, os quais, quando retornavam à noite, contavam o que estava ocorrendo.

### *Ser formador: oferecer formação litúrgico-musical*

Quando Padre Weber concluiu seus estudos, a CNBB, através do Cônego Amaro Cavalcanti, solicitou seu retorno ao Brasil, principalmente devido à sua formação em música. Padre Weber assumiu um papel formativo através de escritos; da publicação de documentos sobre a música litúrgica; os cursos; em assessorias e palestras; da participação em ensaios; de composições e arranjos; de reflexões compartilhadas, de LPs e CDs gravados.

Como assessor da CNBB, em 1967, estabeleceu-se na cidade do Rio de Janeiro, local da sede da Conferência até 1977. Permaneceu como assessor da CNBB até 1983, tendo viajado a diversas capitais para ministrar cursos. Ia da Amazônia até Porto Alegre, percorria o Brasil.

Padre Weber tem se dedicado ao registro de suas memórias sobre a música litúrgica no Brasil e à composição. Como formador, mostrou valorizar as redes de contatos.

### **Irmã Míria Therezinha Kolling**

#### *Caminhos de vida e da música: formando-se como religiosa e em música*

Desde os sete anos, Irmã Míria Therezinha Kolling, que nasceu no interior de Dois Irmãos (RS), queria ser consagrada. No colégio onde estudou, conheceu as Irmãs do Imaculado Coração de Maria, que veio a ser sua congregação. Seus pais, que se conheceram quando cantavam no coral da igreja, incentivavam a música em sua família. O rádio, bem como o coral familiar, eram meios de experienciar a música. Já como religiosa professa, licenciou-se em pedagogia e cursou o bacharelado em música - piano. Após sua graduação, seguiu os estudos musicais com professores particulares.

Concomitante à sua formação acadêmica em música, começou “a participar dos cursos de liturgia e canto pastoral que floresciam, por todo o Brasil, após o Concílio Vaticano II”. Estes cursos “começaram no Rio de Janeiro, com o padre Amaro, José Alves, Frei Joel e outros, no final da década de 60. Depois, logo se espalharam pelo Brasil: Recife, São Paulo, Porto Alegre, Belo Horizonte”. Ela relembra que “eram quinze dias de curso, apresentando novo repertório de cantos litúrgicos, aprofundando o canto gregoriano, teoria musical, regência e composição [...]” (LORENZETTI, 2019, p. 120). Irmã Míria permaneceu de 1983 a 1985 na Alemanha e na Áustria, aprofundando seus conhecimentos em música.

#### *Ser formadora: experiência de vida*

Foi na cidade de Santos (SP) que Irmã Míria começou a participar do canto na Igreja, inclusive orientando os ministros do canto e compondo suas primeiras missas. Ela fazia parte da Comissão de Liturgia e Música Sacra de Santos.

Foi também professora e regeu um coro infantil em uma escola. Sua ação formativa desenvolveu-se, especialmente, nos Encontros de Liturgia e Canto Pastoral e através de gravações e de materiais escritos e em partitura.

No entendimento de Irmã Míria, seu papel como formadora realiza-se através do comunicar ao outro sua “experiência de vida”. Para ela, existem diferentes maneiras de ser formadora e suas canções, juntamente com suas histórias e experiências, são elementos que ajudam no processo formativo. Ao ser questionada sobre “o que é ser formadora”, ela responde:

**IR** - Bem, existe uma formação formal, acadêmica, de aprendizagem teórica. Mas há aquela do contato direto com o povo, do testemunho, da convivência, da experiência de vida, que se vai comunicando ao outro na relação espontânea, no convívio fraterno, no encontro informal... No meu caso, é mais a experiência de vida, o contato direto com o povo, as orientações e partilhas, algo que acontece no concreto da vida, na celebração litúrgica... As músicas que componho, minhas histórias de vida e experiências de Deus, partilhadas com o povo, são alguns elementos que ajudam no processo (Entrevista - Irmã Míria Kolling, 23/04/16) (LORENZETTI, 2019, p. 124)

## **Padre Ney Brasil Pereira**

### *Formando-se padre e músico*

Padre Ney Brasil Pereira, ainda criança em São Francisco do Sul (SC), já gostava de cantar e ouvir, pelas ruas, o som do piano sendo tocado em alguma casa (BESEN, 2006). Depois mudou-se para Florianópolis e foi na Catedral de lá, que Padre Ney Brasil começou a cantar solos. Ao ingressar no seminário, por volta dos doze anos, começou a aprender harmônio. Segundo Padre Ney, naquele tempo os seminários menores eram escolas de música. Foi ordenado presbítero em Roma. Ao retornar ao Brasil, obteve uma bolsa para estudar música nos Estados Unidos.

### *Ser formador*

Padre Ney Brasil, um dos mais antigos participantes dos Cursos de Canto Pastoral, fez parte da equipe de formadores. Foram cerca de 70 anos “compondo e regendo, lidando assim com formação musical” (LORENZETTI, 2019, 146).

Em sua ação formativa destacam-se as aulas no seminário, a regência de corais e a criação de composições e arranjos. Desde 1973, regeu o Coral Santa Cecília da catedral metropolitana de Florianópolis. Usou seu conhecimento de



escrita acadêmica para realizar resenhas sobre livros de música litúrgica, assim os divulgando.

## **Irmã Custódia Maria Cardoso**

### *Formando-se religiosa e música*

Irmã Custódia Maria Cardoso teve suas primeiras experiências com música em sua família e em um coral da igreja. Sua família toda cantava junto com o “coralzinho da Capela”. Sua mãe era professora na escola onde estudava. Lá também vivenciou a música.

Adolescente, ao entrar para a congregação das Irmãzinhas da Imaculada Conceição, começou a estudar piano. Graduiu-se em música pela Universidade Sagrado Coração de Bauru - São Paulo. Irmã Custódia busca reservar tempo para participar de congressos, pois sente a necessidade de não deixar sua formação de lado.

### *Ser formadora*

Irmã Custódia Cardoso, que, em 1962, começara a participar dos Cursos de Canto Pastoral, passou a ministrar cursos. Foi professora de música em escolas e organizou um coral infantil. Foi especialmente através do Coral Palestrina, dos Pequenos Cantores de Apucarana, da assessoria a cursos e das participações em rádio e televisão que Irmã Custódia firmou sua ação formativa. Permaneceu por diversos anos como assessora do Regional Sul II da CNBB. Ela conta de seu ardor e que foi assessora por vinte e oito anos dos bispos do Paraná, sendo desses, quinze anos de música:

E nas assembleias a gente sempre tem esse ardor missionário. E, eu quero dar continuidade. Eu tenho esse anseio de coisas novas, de uma igreja viva. De um ‘negócio’ que todo mundo seja feliz, que a congregação seja uma congregação que sirva para um mundo melhor e não seja um gueto como algumas são [...]. (Entrevista Irmã Custódia Cardoso, 15/11/16) (LORENZETTI, 2019, p. 157)

## **Análise transversal dos dados**

### **Cruzamentos de quatro vidas nas rotas formativas**

Uma das preocupações da sociologia do cotidiano, segundo Pais (2003, p. 34), é procurar contínuos nos descontínuos que percorre. Os contínuos da formação musical, na Igreja Católica, podem ser vistos na permanência da ação formativa. O que parecem ser ações individuais, revela uma rede complexa de cursos, de pessoas conhecidas, de continuidade através dos anos. Irmã Míria conta serem “mais de 45 anos de composição e serviço à música litúrgica”.

Um acontecimento sobressai como um dos elos entre os quatro religiosos e aquilo que realizaram: o Concílio Vaticano II. Foi devido às mudanças conciliares, especialmente às pertinentes à visão de música litúrgica que foi sendo desenvolvida no Brasil, que suas rotas formativas se cruzaram.

Os espaços de formação nos quais eles tiveram experiências musicais aproximam-se: seminários, casas religiosas, cursos de canto pastoral, encontros da CNBB. Os quatro religiosos, visualizados, na tese, em capítulos separados, conheciam-se e relacionavam-se. Foi possível ‘tecer’ as relações entre eles através de suas falas, de fotos, de encartes de CDs, de livros.

### **Tessituras de tempo e espaço**

Compreender o presente e, no caso desta tese, as entrevistas realizadas, exige prestar atenção às tramas que são constituídas pelas tessituras do tempo (PAIS, 2016). Formar-se e participar no processo formativo de outros é algo que revela uma textura complexa, pois não há somente linearidades. As rotas não são previsíveis e constituem-se de rupturas. Implicam um olhar para o presente, o passado e o futuro, o que justifica a opção feita, de olhar para as histórias de formação e para as histórias como formadores.

Compartilho da compreensão de Pais (2003, p. 83), o qual explica que analisar criticamente o cotidiano “implica uma perspectiva histórica”. Olhar para o cotidiano “não se esgota nas presenças imediatas” e “abarca fenômenos não presentes aqui e agora” (PAIS, 2003, p. 86).

Sugiro que as concepções teológicas que os religiosos vivem impactam o modo de fazer música e ensinar, devido à dimensão de tempo e espaço. O passado é por eles compreendido como algo que não pode ser jogado fora. É um espaço/ tempo que se configura como fonte de aprendizagem. Não entendem a morte como uma barreira que encerra a ideia de fazer a música, pois a vida presente é tida como o ensaio para o que se cantará no céu, na expressão de Irmã Míria: “ensaiando na terra o celebrar perfeito do céu, onde cantaremos o eterno louvor” (LORENZETTI, 2019, p. 141) . Percebe-se que, com essa ideia, é admitido que a aprendizagem ocorre em qualquer momento da vida. A idade não se constitui em impedimento nem para aprender, nem para ensinar, pois, as ações não são se encerram com o fim da vida.

### **O que é esta formação musical na Igreja Católica**

A formação musical, neste contexto religioso, é vista como algo que exige compromisso, ao mesmo tempo que proporciona o conhecimento. Ela se realiza na junção entre prática e teoria. A formação musical pode ser compreendida como significativa de uma prática pedagógica não “formalizada”, porém plena de escolhas pedagógicas e apresentando certa sistematização.

Há busca de alternativas conceituais para retratar as situações de ensino e aprendizagem, não sendo frequentes termos como: aulas, ensino, educação, professor. Outros conceitos ganham espaço, como: formação, formador, encontros, partilhas, orientações, dicas. O papel das trocas na aprendizagem é ressaltado, sendo a experiência de vida importante no processo de formação.

### **Os cursos, os encontros e os ensaios**

Um dos momentos em que se desenvolve a formação é nos cursos ou encontros de canto litúrgico pastoral. Diversos nomes são adotados para designar tais momentos e espaços. Cada um dos entrevistados revelou especificidades em seu modo de conduzi-los, com utilização de estratégias variadas para transmitir o conhecimento: ensaios, brincadeiras, histórias, experiências, repetição, instrumentistas tocando o próprio instrumento.

## O formador

O ‘formador’ é aquele que assessora cursos, publica materiais, produz o conhecimento. Ele assume intensa relevância no contexto religioso e um de seus papéis é mostrar as maneiras de fazer. Segundo Padre Weber, o formador é aquele que “se formou bem e que agora está disponível para repartir com os outros o que sabe” (LORENZETTI, 2019, p. 196). Ele considera formadora “toda pessoa que tem uma certa formação”, ministra cursos e deixa alguma marca. A expressão ‘deixar marcas’ é utilizada em sua relação com a história de alguém que, tendo vivido muitas experiências, deixará um legado para o futuro. Padre Weber ressalta que aquilo que aprendeu quer “passar para frente para não ficar parado” e espera que “alguém depois assuma e leve em frente [...] como contribuição para a Igreja também”.

O formador, muitas vezes, aparece quase como um sinônimo de professor, compartilhando conhecimento e experiências no contexto litúrgico-musical. Para Padre Ney, o formador tem a responsabilidade de “transmitir não apenas teoria, mas vivência” (LORENZETTI, 2019, p. 146).

## A comunidade como finalidade

Nas entrevistas, a ideia de ‘comunidade’ é recorrente, por vezes como sinônimo de assembleia, povo, igreja de gente, base. Entre seus objetivos, a formação tem uma finalidade comunitária, como explicitado por Irmã Custódia que, ao formar, preocupa-se não só em fazer um cantor cantar, mas em “fazê-lo feliz com a missão que ele está realizando em benefício da comunidade” (LORENZETTI, 2019, p. 166). A palavra comunidade articula-se a outras expressões como missão, ministério, serviço, dom.

## Dom

O significado de dom torna-se relevante, quando se considera que as pessoas assumem “seus dons” e que com eles servem “à comunidade” nas palavras de Irmã Custódia. O músico litúrgico, incluindo o que desempenha o papel de formador, é visto por Irmã Míria como alguém com “dom especial” devido à sua função

específica que “exige longa formação”. Irmã Míria compreende tal formação como um “processo contínuo e sempre inacabado”, pois um músico não se improvisa. O longo tempo requerido para a preparação de um músico com habilidades específicas para atuar na Igreja Católica impacta o modo de olhar para aqueles que possuem formação específica, os quais são diferenciados por meio de expressões como talento, dom, inspiração.

Padre Weber compreende o ‘dom’ como inato, o qual, no entanto, requer estudo para ser exercitado. Em quase todas as falas dos entrevistados, a ideia de dom aparece como algo preexistente, mas que precisa ser desenvolvido através do estudo, através da busca de conhecimentos técnico-musicais. Eles não deixam de considerar os aspectos sociais para o desenvolvimento do que chamam de dom. Irmã Míria explica que “depende muito das oportunidades, da família, da escola e também da própria pessoa”. Irmã Custódia revela a necessidade de ter condições financeiras para estudar música, bem como o apoio dos pais.

O conceito de dom necessita de um olhar crítico a partir da perspectiva da educação musical, pois, pode ditar regras relativas a quem pode ou não aprender. Na tese houve a preocupação em entender os sentidos empregados ao utilizar este conceito. O termo é polissêmico e por vezes é utilizado como referência a um retorno dado a uma comunidade através da experiência musical.

## Considerações finais

### **As concepções acerca da música neste contexto e suas implicações na educação musical: afinal, é música ou religião?**

Com esta pesquisa, verifiquei que há especificidades na música feita no contexto religioso, estando os conteúdos musicais atrelados a particularidades de crença religiosa, visões de sociedade e questões rituais litúrgicas. A inseparabilidade entre música e liturgia manifesta-se no modo como se repassa o conhecimento nos encontros, em que as questões técnico-musicais são desenvolvidas juntamente com o modo de executar, o sentido do texto, a função ritual. Simultaneamente à apresentação do repertório, busca-se despertar e fortalecer a fé. Nos encontros ou cursos, são valorizadas as experiências celebrativas, visando colocar em prática o que foi ensaiado.

Tratei de questões como dom, talento, em correspondência com o objetivo específico de discutir, neste contexto, concepções acerca da música e suas implicações na formação musical. Ao abordar o conceito dom, não pretendi discutir a ideia teológica, mas, por meio da educação musical e apoiada na sociologia, pensar as implicações na formação musical. Por sua força, dom e outros termos podem ditar regras relativas a quem pode ou não aprender, como é possível ensinar, por que ensinar alguns e não outros e assim sucessivamente. É necessário compreender estes conceitos para entender as escolhas pedagógicas feitas neste contexto religioso.

### **Sobre meu aprendizado e desdobramentos**

Ao investigar a formação musical na Igreja Católica, ponderei sobre questões que envolvem minha própria aprendizagem musical. Pensei nos múltiplos modos de aprender e o quanto o vocabulário específico e as maneiras de ensinar impactaram o modo como aprendi música. Através da pesquisa, pude refletir sobre as múltiplas formas de transmissão de conhecimento musical, especialmente daquelas vinculadas às religiões. Novas questões de pesquisa podem ser formuladas, visando à compreensão extensa dos processos formativos neste meio. Outros religiosos podem ser entrevistados, bem como participantes de cursos e outros formadores não religiosos. Permanecendo no meio católico, a aprendizagem específica nas casas de formação, como os seminários, a observação dos ensaios antes das missas, as interações musicais nos grupos de jovens configuram-se como temas de estudo. Outros contextos religiosos podem ser investigados, abordando a experiência dos formadores ou daqueles que buscam a formação.

## Referências

ALMEIDA, Márcio Antônio. *Música brasileira na liturgia: obra, contexto e produto*. Tese (Doutorado em Música) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 2014.

BESEN, Pe. José Artulino. Pe. Ney Brasil Pereira. Entrevista ao Pe. José Artulino Besen em fevereiro de 2006, por ocasião do seu Jubileu de Ouro Presbiteral. *Encontros Teológicos n. 43*. Ano 21. Número 1. Florianópolis, 2006. p. 121 - 143.

CATTELAN, Lucas. *Diários de um músico e professor: experiências na Catedral Metropolitana de Santa Maria - RS*. Monografia (Graduação em Música Plena) - Universidade Federal de Santa Maria. Santa Maria, 2012.

DIAS, José Sérgio. *Reflexões sobre experiências de autoaprendizagem musical na Paróquia São Judas Tadeu*. Monografia - Licenciatura em Música. Faculdade Santa Marcelina. São Paulo, 2017.

FONSECA, Frei Joaquim. Panorama da música litúrgica no Brasil. In: MOLINARI, Paula (Org.). *Música brasileira na Liturgia II*. Coleção Liturgia e Música, n. 8. São Paulo: Paulus, 2009.

FONSECA, Joaquim; WEBER, José. *A Música litúrgica no Brasil 50 anos depois do Concílio Vaticano II*. Coleção Marco conciliar. São Paulo: Paulus, 2015.

JEFREMOVAS, Pietra. *Ser professor de piano: dois casos de atuação dentro da Igreja Católica em Canoas/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2017.

LORENZETTI, Michelle Arype Girardi. *Aprender e ensinar música na Igreja Católica: um estudo de caso em Porto Alegre/RS*. 2015. 167f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Programa de Pós-Graduação em Música, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2015.

\_\_\_\_\_. *Educação Musical na Igreja Católica: reflexões sobre experiências em contextos da Grande Porto Alegre/RS*. Trabalho de Conclusão de Curso - Licenciatura em Música. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2012.

\_\_\_\_\_. *Formar-se e ser formador: rotas formativas musicais de religiosos no contexto católico brasileiro na perspectiva da sociologia da educação musical e da vida cotidiana*. Tese (Doutorado em Música). Programa de Pós-Graduação em Música

- Instituto de Artes. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2019. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/193128>>.

LOURO, Ana Lúcia; RECK, André Müller; OLIVEIRA, Fernanda de Assis; ZACARIAS, Luis Felipe Camargo. Olhando para aprendizagens informais em música: algumas experiências junto a movimentos da Igreja Católica. In: XIV ENCONTRO REGIONAL SUL DA ABEM, 2011, Maringá. *Anais...Abem: Maringá*, 2011. p. 215-224.

MOLINARI, Paula (Org.). *Música brasileira na Liturgia II*. Coleção Liturgia e Música, n. 8. São Paulo: Paulus, 2009.

NOGUEIRA, Ana Greice Alves Teixeira. Práticas de canto em grupo em uma comunidade religiosa de Anápolis. Monografia - Licenciatura em Música à Distância. Universidade de Brasília, Brasília, 2012.

PAIS, José Machado. Nas rotas do cotidiano. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, Nº 37, Jun., 1993.

\_\_\_\_\_. Tessituras do tempo na contemporaneidade. *ArtCultura*, Uberlândia, v. 18, n. 33, p. 7-18, jul-dez., 2016.

\_\_\_\_\_. *Vida cotidiana: enigmas e revelações*. São Paulo: Cortez, 2003.

SOUZA, Jusamara. (Org.). *Música, cotidiano e educação*. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Música do Instituto de Artes da UFRGS, 2000.

\_\_\_\_\_. Contribuições teóricas e metodológicas da sociologia para a pesquisa em educação musical. 5º Encontro Anual ABEM e 5º Simpósio Paranaense de Educação Musical, Londrina (PR), p. 11-40, 1996.

\_\_\_\_\_. Música, educação e vida cotidiana: apontamentos de uma sociografia musical. *Educar em Revista*[online]. Curitiba. n. 53, p. 91-111. jul/set. 2014.

TEIXEIRA, Faustino. Faces do catolicismo brasileiro contemporâneo. *REVISTA USP*, São Paulo, n. 67, p. 14-23, set./nov. 2005.

UNIVERSA LAUS I. (1980) Tradução: Vinícius Mariano de Carvalho. In: FONSECA, Joaquim. *Quem canta? O que cantar na liturgia?* Coleção Liturgia e Música. São Paulo: Paulus, 2008.